

FABRÍCIO CARPINEJAR

Deixa a criança ser Tímida



Ilustrações Ana Pez

edelbra



FABRÍCIO CARPINEJAR

Coleção Pedacos de Vida

**Deixa
a criança
ser Tímida**

edelbra

*Esta é a biografia do meu olhar paterno. Se
não é real, foi por um detalhe.*

Meus filhos nunca perguntam: por que está triste?

Eles me fazem feliz antes de perguntar.

Só passei a rir à toa depois da paternidade. Rir por nada mesmo. Rio porque vejo meu filho desenhando uma casa com pernas ou reparando no modo como ele segura o garfo, igual à sua avó, ou em seu jeito de correr atravessado em encostas de grama. Ou observando a concentração da filha diante da televisão ou de seu bocejo esquecendo a proteção das mãos. Quando não era pai, o riso pedia um motivo. Uma função. Uma explicação. A piada tinha de ser muito engraçada.

Hoje a vida é mais engraçada do que a piada. Ao largar a pasta do trabalho, há um alívio de que serei abraçado pelos filhos até ser derrubado. Levantarei as pernas para cima, desistindo das reservas. Meu riso dá cambalhotas sem colchão.

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Cinco coisinhas para dizer ao seu filho
Família não é uma empresa
Como conversar com adolescentes
Do liquidificador à chaleira
Câmera em casa
Desapego
Deixa a criança ser tímida
Debaixo da mesa
Pesso
Alegres decepções
Salgadinhos
Completo incompleto
Treze anos
Não sei o que é
Uma solidão solteira
Jogo de comparações
Meu medo
Velho-do-saco
Pijama monocromático
Girar o vidro do baleiro
De bandeja
Presentes
Insônia
Sete segundos
Conversa séria

Homem rosa, mulher azul

Chantagens

Cabelo no prato

Uma letra entre as pegadas

Consoante

Autores

Créditos



CINCO COISINHAS PARA DIZER AO SEU FILHO

1 Dorme com os anjos e depois pede para o anjo passar em meus sonhos.

Meus filhos não fecham os olhos sem essa frase, é um ritual como fungar no pescoço. Dormir com os anjos ainda é pouco. Deve-se pedir que eles falem com os anjos e percebam que são responsáveis também pelos nossos sonhos. Assim entenderão que um sonho é vizinho do outro, como seus quartos são vizinhos do meu. Um dia, Vicente disse que ficou muito tempo com os anjos na gangorra e esqueceu de avisar que eu o estava esperando.

2 Vamos arrumar o quarto juntos?

Não acredito que a criança deve arrumar tudo sozinha, qual é a graça? A criança, quando vai organizar o quarto, encontra outras possibilidades de brincar. O pai ou a mãe podem descobrir o que ela mais gosta, propor novos sentidos aos brinquedos, construir parques a partir dos destroços e conhecer a evolução de sua imaginação e de sua linguagem.

3 Contar histórias para acordar.

Filho deseja que os pais contem histórias justamente para não dormir, para acordar sua sensibilidade. É o momento de fazer fantoches de vozes. O teatro das pausas. Dublar bichos e personagens. Ele pede para contar

novamente a mesma história porque já descobriu que é impossível repetir. O amor não se repete, sempre encontra um jeito de ser original.

4 Não esquece o casaco!

Isso é uma maneira de dizer: não esquece do meu abraço. A criança lembra do frio e volta para aquele aperto perfumado. Toda despedida é um ensaio para o regresso. Minha mão não nasceu para o aceno, nasceu para ser um cinto ou um suspensório.

5 Eu te amo muito muito muito que desaprendi a contar.

Para um filho não definir a contagem do amor é um alívio. Sentimento não tem tamanho, mas valor. Dependendo do silêncio do filho, ele está retribuindo sua declaração. Uma criança fica quieta para mastigar sua vontade de amar. Aprendeu que não se fala de boca cheia.

FAMÍLIA NÃO É UMA EMPRESA

Estava na mesa-redonda da Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Em algum momento, um colega de auditório disse: “A família é como uma empresa”.

E aquilo me incomodou profundamente. Aquilo me arrancou a audição.

“É na família que forjamos vencedores. Se os filhos não obedecem, não fazem nada, tem preguiça para qualquer coisa, não ficariam numa empresa, é o mesmo processo.”

Caso meu avô Leonida escutasse isso, soltaria um de seus xingamentos prediletos: “Vai catar coquinho e deixar de ser besta”.

A família não é uma empresa. Nem deve ser. Não vou demitir ninguém em casa. O pai ou a mãe não é o que queremos deles, mas o que eles podem oferecer.

Estou de saco cheio de ouvir que uma família deve trazer rentabilidade, organização e competência. A cobrança não fixa um lar.

Na minha residência, cada um tinha uma tarefa. Mas não era uma empresa, ou uma cooperativa. Não fui promovido. Não esperava cargos de confiança. Os irmãos me continuavam.

Uma vez, quando fui demitido, expliquei para minha filha de 4 anos o que havia acontecido.

“O trabalho não me quis mais.”

Ela respondeu bem calma:

“São bobos, fique calmo, será meu pai sempre.”

Eu dependo de um lugar para falir na minha vida. Deixe-me ao menos a família.

Eu posso perder tudo, menos a família. A família é meu despertencimento, a adoração dos telhados, o avental no gancho da cozinha.

Nem Deus, nem seus capatazes tiram aquilo que foi desejo. Podem subtrair minha memória, mas guardarei o desejo fora de mim. Em minha mulher.

A família é o único lugar que continuaremos vivendo sem a expectativa de acertar. Mente-se diante da agenda, não de um prato de comida. Precisamos de um espaço para falir, para errar e se debruçar em nossas fraquezas. Já tenho que ser funcional no emprego, no lazer, nas relações com os outros. E agora a sugestão é que trabalhemos também na família. Isso é exploração infantil, isso é jornada dupla, isso é transformar elos naturais em conexões automáticas.

A família depende de uma única coisa: a intimidade. E intimidade não é emprestada, intimidade é não pedir de volta.

A família é o único lugar que me permite ser verdadeiro. É o único reduto de autenticidade. Não vamos colocar a competição dentro dela. Ou encher os nossos filhos de horários e de obrigações para que não pensem bobagens. Eles carecem das bobagens para escolher seus caminhos. Ser ocupado não nos torna importantes; não nos torna responsáveis. Envelhecer é se desocupar para a amizade.

Quando pequeno, não fiz natação, não fiz inglês, não fiz informática, não fiz o raio-que-partia. Eu tinha o tempo livre depois da escola e jogava futebol com os colegas, roubava frutas e brincava na casa dos vizinhos. Voltava para a casa quando a mãe gritava: “tá na mesa!”. A infância é própria para a vadiagem. Quando iremos vadiar de novo?

Se a família é uma empresa, um dia os filhos vão pedir demissão, um dia o pai e a mãe vão se aposentar, um dia os tios vão pedir concordata, um dia o genro vai desviar recursos.

Na família, os laços são eternos e não provisórios, como uma empresa. Família não é trabalho, família é experiência. E nunca haverá perdedores na família, mas irmãos e filhos e pais. Eles são a família, não um referencial de realização.

Essa exigência de sucesso na família implica em não aceitar os perdedores. O que são os perdedores senão os mais sensíveis à pressão? Por isso, famílias se assustam com os problemas e escondem filhos alcoólatras,

drogados e doentes em clínicas. Sofrem com a cobrança pública. Temem a exposição de seus defeitos.

Família é ter defeitos, é ter fantasmas, é ter traumas. Frustração é não contar com uma família para se frustrar.

Família é compreensão, não um acordo.

Não temos que alimentar vergonhas de nossas vergonhas. Família é onde tiramos os sapatos e deitamos os casacos. Não promoverei reunião-almoço na minha sala. Não afastarei um parente pela malversação. Não solicitarei a restituição das mesadas. Não exigirei que minha filha escolha medicina ou direito pela estabilidade. Não condiciono minha paixão a resultados.

Um patrão nunca será um pai. Não procuro disciplinar meus filhos, o amor é a mais suave disciplina. E o abraço é a minha desordem.

COMO CONVERSAR COM ADOLESCENTES

Adolescente não merece pagar a conta pela crise de identidade. Não é culpa do hormônio.

A crise já eclodiu na infância. Ruim mesmo são as espinhas, que buscam o lugar fixo das sobrancelhas.

Estou farto da sentença “é adolescente, tá explicado” como desculpa para a azia do comportamento. Explicado o quê?

Seu filho bate a porta, não conversa com as visitas, passa emburrado e emburrado pela sala, não troca um olhar digno no almoço, logo justificamos: “é a adolescência”. E os adolescentes deitam e rolam aproveitando a fama.

Adolescência virou uma entidade divina. Uma força sobrenatural para explicar a falta de paciência, humor e entendimento dos pais.

Os adolescentes só perdem para os políticos no *ranking* “É assim mesmo”. É necessário reconhecer, eles são grosseiros, mas os pais são carentes desesperados pelo reconhecimento. O problema não é a compreensão, é a frequência. Eles estão rindo, e os pais falando sério.

Na adolescência, exercita-se o avesso da linguagem. Tudo é ao contrário. A linguagem está se olhando no espelho. A ironia é talhada, assim como a crítica.

O adolescente não fala nada direto, fase das tangências e das transversais. Deixa as avenidas para os adultos, andam pelos becos, vielas, ruas sem saída.

Minha filha de 13 anos não me elogia, sequer faz declarações apaixonadas. Não vai me abraçar e denunciar que sente saudades. A fase dos cartões com desenhos e legendas “eu te amo, papai” terminou na 3ª série. Edição esgotada, reimpressão fora de cogitação. Quem guardou, guardou.

Ela me critica de um modo implacável. Manhã, tarde e noite. Nem meus inimigos seriam tão atentos. Estou colocando uma roupa e ela espicha sua voz. Juro que vou receber um carinho e ela tasca:

— Que barriguinha charmosa.

Primeiro *round*. Sento-me para escrever no computador, ela logo vem e diz toda melosa:

— Minha carequinha.

Em dez minutos, sou barrigudo e careca. Segundo *round*. Atendo o telefone e ela me imita, destacando as palavras que pronuncio enroladas:

— Ingrês, pai?

Agora sou fanho. Terceiro *round*. Ela ouve meu texto e comenta vigorosa:

— Gosto mais do que escrevia antes.

Sou repetitivo. Quarto *round*. Reclama que herdou meu nariz e meus dentes.

— Seus olhos de mel ficaram com quem? Seu egoísta! Quinto *round*.

Pronto. Acrescente narigudo e dentição torta ao prontuário.

Preparo-me para sair, ela me investiga:

— Vai sair assim?

— O que há de errado?, replico.

— Nada, a única coisa que faz bem é se vestir.

Nocaute.

Nenhum dos apontamentos maliciosos me incomoda. Depois de respirar fundo, encontro uma satisfação esquisita. Ficaria deprimido se ela não falasse comigo. Na adolescência, as frases têm de ser entendidas ao revés. Agredir é seu modo de me elogiar, de interpelar, de se fazer presente, de se preocupar comigo. Ela não me ama menos, é o jeito que encontrou de se aproximar. Seu deboche me valoriza. O adolescente não deseja ser óbvio. Procura o contraponto e as conexões secretas.

A verdade é que ela não deixou de brincar comigo. Continuamos com o esconde-esconde de antigamente.

DO LIQUIDIFICADOR À CHALEIRA

O mistério de uma criança dormindo. Os braços largados, os cabelos boiando. Só uma criança sabe dormir como quem está nadando. A impressão é que o colchão é a mão de Deus. Ou uma saboneteira. Parece que ela está flutuando.

O pai e a mãe caminham no sono, rastejam, debatem-se, encolhem-se, numa atitude defensiva ou de ataque.

A criança, não. Ela encontra a serenidade própria das águas. Desprotegida na confiança.

O filho descansando é um enigma. Mas adormecê-lo mais se assemelha a um milagre.

Alguém pode me explicar por que crianças cochilam no carro sempre quando estamos chegando e nos condenam a subir cinco vãos de escadas com elas nos ombros?

Com dois filhos, passei por quase todas as maneiras de convencer a criança a fechar os olhos. Frequentador da cozinha, o micro-ondas já virou meu relógio de bolso.

O primeiro filho é a insônia. Mariana só dormia no colo, agarrada nos cabelos. Hoje ela não poderia fazer isso (não há mais cabelos). Nasceu no tempo certo. Foi minha fase de liquidificador: balançar, balançar, balançar. Não tenho certeza se ela dormia ou ficava tonta. De tanto andar pela casa, conheci todas as rachaduras das paredes e as infiltrações do corredor (pensava obsessivamente em reforma). Era obrigado a cantar, inventei uma série de músicas. Quando iria largá-la na cama, ela acordava e reiniciava tudo de novo. Você pode concluir que não dependia de academia para manter a forma. Só que me angustiava com a demora e ela se aproveitava da

minha ansiedade para adiar o descanso. A primeira coisa que a criança sente é quando o pai ou a mãe querem se livrar da tarefa. Finja que tem uma eternidade e não há nenhum compromisso dali por diante. A tranquilidade exclusiva dá sono.

Numa noite qualquer, decidi ouvir uma fita da poesia de João Cabral enquanto dava colo. Quando a olhei, ela dormiu pesadamente. Capotou. A poesia de João Cabral é maravilhosa, porém a voz de sacristão do poeta, lendo diferentes poemas no mesmo tom monótono, era um verdadeiro calmante natural.

Ao nascer Vicente, o segundo, acredito que me tornei mais esperto. Ingressei no meu período de chaleira. Comecei a roncar (não tive trabalho para isso) e ele nunca quis dormir entre o casal. Eu respirava barulhos insuportáveis no seu cangote. Acho que ficou traumatizado. Dorme unicamente em sua caminha, com seu leite, com seu quarto, com suas janelas pela metade. Um livro ou uma canção servem para mudar o dial da brincadeira para a quietude. Valorizamos o ritual. Cada dia ele escolhe um boneco para acompanhá-lo. De vez em quando, há mais bonecos em suas cobertas do que no armário.

Os filhos sonham quando estamos relaxados.

CÂMERA EM CASA

Meus filhos acordam. Com aquele charme do pijama dobrado ou da camisola estrategicamente amassada. Meus filhos, quando acordam, são meus travesseiros. Enquanto faço o café ou converso com a minha mulher, as crianças vão relatando seus sonhos. É o jeito que tenho de filmá-los. Suas frases são fotografias em sequência.

Nunca coloquei câmera dentro de casa para controlar babás. Até porque eu estaria procurando algo ruim. Colocar câmera é demitir a babá. É aviso-prévio. Não se põe câmera para registrar a alegria, ou apanhar os filhos em situações admiráveis. Câmeras na rua, nos postos, nas lojas e bancos servem para inibir assaltos e identificar ladrões. Alguém coloca uma câmera para enxergar beijos apaixonados? Abraços de amigos com o nó da saudade? Estamos acostumados a filmar para denunciar. Filmar para delatar. Filmar para incriminar. A partir de uma fivela, um amigo embutiu uma filmadora na cintura de uma escultura. Colocou um cinto bem brega numa peça de porcelana da sala. Transformou uma figura renascentista em pós-moderna. E me mostrou o filme de uma tarde. Ele comentava:

— Não há nada neste dia.

E passava adiante. E tudo o que acontecia naquele dia era seu filho rindo, puxando os cabelos para cima para tentar imitar as flores da varanda. Isso é nada? No “nada daquele dia”, não constava nenhuma atitude suspeita da babá. Ele esquecia o seu filho para ficar caçando indícios dela. Vivia pelo pior. Aliás, vivemos pela exceção, pelo castigo, para se antecipar às tristezas e aos maus-tratos e sacrificamos a naturalidade das relações. Quem vai atrás do desastre, forja motivos de preocupação. A desconfiança permanente entende errado. Entende o que persegue.

Quando pequeno, tive babá que foi péssima comigo, me trancava no quarto para acompanhar a novela e receber o namorado. Tive babá que

roubava a despensa da cozinha e estocava os produtos no seu quarto. Tive babá que abriu o portão para o meu cachorro fugir e não precisar mais cuidar. Todas perderam o trabalho porque eu relatava minhas preocupações. Meus pais me escutavam. Aprender a ouvir é verdadeiramente filmar. Fazer perguntas constantemente à babá e observar suas reações em relação à educação dos filhos são suficientes para entender se ela está envolvida ou não. Falei das babás que não foram boas, é natural elogiar o triste. Mas delas, não recordo nem o nome. Lembro do nome de quem adorei, Neide, que cuidou de mim dos 2 aos 8 anos. E saiu de nosso lar somente para casar e se fixar no interior do Rio Grande do Sul. Seus cabelos loiros e sua ternura de colo esforçam minhas palavras para ser fiel ao amor que ela me deu. Minha infância sempre reproduzirá o sotaque italiano dela. Em vez de demorar a escolher a câmara, por que não demorar a escolher a babá? Precisa vir com referências familiares, entrar no ritmo da casa, ter uma amizade em que se possa conversar fora dali. É mais humano confiar até que se prove o contrário do que desconfiar sempre para buscar provas.



DESAPEGO

Não há como retomar a vida no ponto em que se parou. A vida também se mexe sozinha.

Mania de pensar que aquilo que se deixou de fazer estará esperando intocado, sem mudança alguma. Que um amor antigo não teve outros amores. Que uma amizade fiel não teve vontade de se matar. Que a fruteira da esquina de sexta-feira oferece o mesmo mamão maduro de segunda. Que uma obra lida aos 13 anos guardará igual espanto aos 50.

Não posso me acostumar com o que fiz como se fosse meu. O que fiz não é meu, não me devolverá o tempo. Ter um filho é aprender a deixá-lo ir, a me deixar ir.

Pensar que se conhece alguém é desconhecê-lo por inteiro.

DEIXA A CRIANÇA SER TÍMIDA

Excesso de cuidado estraga tanto quanto a falta dele. A criança não pode perder a possibilidade de escolha. Tem direito ao pudor, à cautela, ao mistério, à insegurança. A timidez ajuda a conhecer e a preservar a solidão. Vejo pais que sobrecarregam os filhos de expectativa. Transformam de repente seus pequenos em atrações turísticas da casa. Se aparece uma visita, a mãe logo convoca a criança para cantar. Se estão jantando com amigos, o pai chama o filho para contar histórias. Desde quando criança é entretenimento?

Criança também precisa ficar sozinha e isso não é defeito. Ordens, contraordens, há a mania de mandar e ser mandado, ainda mais disfarçado no afeto e na proteção. É evidente que as intenções são nobres, de querer mostrar os filhos, de valorizá-los, de demonstrar o orgulho do amor. O que surge como diversão para uns, aparece como castigo para outros. A vida não é plana, cada um tem seu ritmo e rosto. A vida não é encomendada, o testamento vai sendo atualizado a todo instante. A criança lançada a agradar os adultos torna-se dependente da reação externa, deixando de tomar os seus próprios caminhos. A medição do dom pelo ibope anula a autocrítica. A audiência é um sequestro sem volta.

Para alcançar a aceitação, o filho passa a ser o que os familiares querem e a infância, que é o seu lugar imaginário, onde exerce seu direito de ser ninguém, de adivinhar personagens, de fazer de conta, termina se profissionalizando no elogio. E o elogio que é costume vira obrigação.

Da mesma forma, é inútil forçar a criança a pedir desculpa se ela permanece com a razão dentro dela. Cabe conversar e mostrar as possibilidades. Não sou contra a partilha de talentos, e sim contra a

imposição da exibição deles. Basta a criança riscalar uma folha com têmpera e os pais estão comparando as garatujas com Picasso ou Miró. Não é muita pretensão?

Só falta vender os quadros ou montar uma vernissage com cachorro-quente e Coca-Cola. Tocar bem um piano não transformará ninguém em Mozart, até porque Mozart já existiu e outros virão com seus nomes e singularidades.

Há um desejo insano de que o filho seja um gênio, um superdotado para exibição em pré-estreia. Mas raros são os que aceitam ser pai ou mãe dos problemas dos filhos. Deve-se tomar cuidado para não projetar decepções e converter a confiança em cegueira.

O maior talento da criança é ser criança. Não será a música, a matemática, o balé, a natação, o futebol. Ela pretende apenas brincar e ficar na sua. Forçar a responsabilidade precoce é um passo para a ausência de diálogo no futuro. É equivocado entusiasmar a criança a imitar o adulto, numa espécie de infância cover, e achar engraçada sua mímica e inspirar que cresça o mais rápido possível.

Ser adulto não é uma solução. A criança que vira o centro das atenções tem dificuldades para chamar atenção ao que realmente interessa para ela. Perguntar não ofende. Responder sem perguntar ofende.

DEBAIXO DA MESA

Vamos a um restaurante, Vicente come, brinca um pouco com as latinhas de refrigerante e, de uma hora para outra, desaparece para debaixo da mesa. Arrasta os cílios e sua corda de casaco aos subterrâneos da refeição. É sempre assim. O hábito da criança em exercitar esconderijos.

Emplumado na toalha, mexe nos nossos pés e brinca em adivinhar o ponto de vista de um cachorro. Se ele não fizesse isso, nunca me lembraria de que sou igual. Jeito engraçado de arrumar às pressas um quarto para dormir e de fugir das comparações; bastava deslizar pela cadeira e a solidão nos aguardava. A barraca já estava montada e se escutava o trololó dos adultos com a displicência de ervas.

Meu olhar é meio ao chão, não por ser deprimido, muito menos por vergonha. Ele é resultado do tempo que via o mundo debaixo da mesa. Para uma criança, sua altura não é medida por régua, e sim pelas pernas dos pais. Recordo dos sapatos encerados que a minha mãe usava para sair ou das meias de cores trocadas de meu pai (sem graça de avisá-lo da gafe). Procurava objetos tutelares. Sempre alguém esquecia algo. Havia um grampo, uma borrachinha de cabelo, um prendedor de gravata, uma moeda, um brinco. Ninharias exuberantes para quem não esperava encontrá-las. A criança é sincera, pois permanece em contato com o solo. Não se acredita dono de uma conversa, dono de uma vida, dono de um nome. Sua boca é o prato, os talheres são os dentes e o resto é movimento.

Em encontros animados, é comum eu desaparecer. Os amigos pensam que fui ao banheiro. Ou que me antecipei para pagar a conta. Ou que me ofendi com um assunto. Estranhamente me escondo debaixo da mesa. Mudo a perspectiva do relacionamento quando me sinto muito alto e

confiante, muito invulnerável e exibido, muito senhor de mim. Quando minha vaidade de ser observado é mais forte do que a vaidade de abrir os olhos.

Não é necessário lavar os pés de quem se ama. Mas ficar perto deles para amarrá-los às mãos.

PESSO

Fico arrependido ao brigar. Não planejo minha raiva a ponto de soltá-la devagar, com humilde arrogância, se é que existe algo assim. Não saio de uma discussão com a convicção de estar certo.

Não saio leve, com a calma de quem fez o que deveria fazer. Não saio impune, a jogar futebol e a beber depois. Não saio amaciado, esperando as desculpas do outro.

Saio ofendido, alterado, com a respiração presa. Como se tivesse sido espancado por abelhas. Entro em desativação total. Discutir me faz mal, como um luto. Subir a voz, empurrar, sortear desaforo. Eu me sinto grosseiro, egoísta, ínfimo.

Os vizinhos escutam os berros, as cobranças, as ironias, a bateção de portas. Eu me vejo como um mentiroso, que não soube amar a não ser pela violência. Exagerei na maldade, falei o que não quis dizer, e as palavras que eu disse involuntariamente serão cobradas. Catalogadas, fichadas, examinadas com rigor.

Briga-se para assegurar exclusividade da dor. Pode ser ciúme, inveja, incompreensão. Nenhuma briga começa por um motivo generoso, e sim por banalidades.

Saio de toda bronca querendo fazer as pazes. Não suporto dormir em cama separada, não suporto atravessar a noite no desentendimento, não suporto as indiretas, não suporto observar o desconcerto dos filhos, no meio, fingindo olhar a tevê.

Acho que sou fraco, sou tolo, porém engulo de volta o orgulho, como quem é obrigado a tomar um remédio amargo de uma só vez. Desculpo-me ainda que não seja o culpado. Tento fazer a amizade com o riso. Tento apelar para o abraço. Tento inclinar o dorso em barco, ainda que o barco engatinhe

em terra seca, ainda que o barco demore para a chuva, ainda que o barco seja o leme de uma árvore.

Ao brigar, procuro os cartões que recebi de meus filhos. Os primeiros, dos três aos cinco anos, feitos com desenhos e letras garrafais, com uma distância enorme entre as palavras. Na época do presente, corrigia o português deles, procurando inspirá-los a escrever certo. Que ridículo, não era o momento de corrigir nada. Hoje admiro qualquer erro de concordância que encontro na antiga cartolina, nos postais com colagens de revistas, nas cartas de aniversário, pois há espontaneidade no ato de dizer. O deslize na ortografia é a paz que não encontro mais em mim. O deslize na ortografia é como um beijo que salta do rosto e estala nos ouvidos.

Prefiro muito mais o “pesso que Deus pássaro te proteja” de meus filhos pequenos do que o “peço” adulto, que é uma ordem, não uma reza. “Pesso” é quase uma pessoa. “Pesso” é Deus.

ALEGRES DECEPÇÕES

Seguro meu filho no colo, tem cinco anos, e vejo como ele é dependente de mim. E eu cada vez mais dele. Ele funga meu pescoço. O pescoço é a gola do meu cheiro. Voltado ao meu ombro, espia o mundo de dentro de sua árvore. O que ele está pensando? Com frequência, pergunto-me o que ele está pensando. O que ele está sonhando? Com frequência, sento ao pé de sua cama para ver se encontro algum sinal exterior, um tremor de cílios, para descobrir o que sua imaginação desenha e o que tem permanecido de imagem do seu dia. Não há dúvida que ele me guarda, desejava descobrir onde ele me guarda para me buscar de vez em quando.

Qualquer pai deve ter um medo igual: de desaparecer para seu filho. De não entendê-lo. De entendê-lo e não se explicar. De confundir quando se explica.

Meu filho não sabe quem sou, tento ser quem ele imagina que eu seja. E vou me modificando para atendê-lo. Vou terminar sendo o que eu queria ser quando criança.

Eu o protejo ou é ele que me protege?

Ele é sensível aos barulhos de noite — e todo barulho que não seja de gato miando, de cachorro latindo, de cigarras fazendo as pazes com as ervas, já corre aos meus braços a olhar minha boca. Fica esperando que minha voz dissipe a dúvida. Minha boca é sua cama mais segura.

Ele me dá coragem porque me obriga a responder. E passo a acreditar em minhas respostas. Depois de pai é que passei a acreditar em mim, porque há uma fé, como nunca antes, esperando pela minha fala. Não posso me substituir.

Igual acontece com minha filha de 13 anos. Ela me telefona para contar que procura emagrecer. Ao reduzir a alimentação, lamenta que apenas conserva o seu peso. Juro que não sei o que orientar e oriento. Temos pressa

um do outro. E a minha resposta é a pressa de mantê-la presa à minha voz. Nenhum pai é sábio, os pais são seguros pela total insegurança, por isso têm resposta para tudo, inclusive para o que não dominam.

Um dia, é inevitável, vou ouvir de ambos os filhos: você me mentiu? Você não me compreende? Eu o odeio!

Não há problema, tenho decepções com meu pai, mas foram as decepções que abriram as brechas para amá-lo. Quando ele vinha nos visitar, já separado, reunia-se com os filhos na sala para mexer nos livros que havia deixado na residência. Entre brincadeiras e risos, via que ele estava mais interessado em rever e retomar sua biblioteca do que escutar nossa conversa. Cheguei a observá-lo colocar um dos volumes em seu paletó, discretamente. Mostrei desinteresse à cena para alegrá-lo.

A decepção nada mais é do que tomar conta do pai quando ele não consegue mais tomar conta de si.

SALGADINHOS

Depois dos filhos, passei a adoecer de compaixão pelos sacos abertos de salgadinhos, dos abiscoitados, das bolachas. Antes, eu comia. A gula diminuiu com a paternidade. Hoje acredito que eles serão devorados na tarde seguinte e dou uma segunda chance. Não quero que estraguem e guardo. Há pouco para colocar em um pote, mas nem tão pouco para jogar fora. Estou parecendo minha mãe, esperançosa como as sobras do almoço.

Em vez dos arames brancos e elásticos, fecho com prendedores. Mania esquisita: a cesta de vime virou um varal. Nada a reclamar se fosse temporário, mas não é. Criei, de modo involuntário, um purgatório na despensa. Um caldeirão de alimentos penados. As crianças abrem cada vez mais as novas embalagens e ninguém mexe nos antigos sacos, deduzindo que a quantidade é insuficiente para o entretenimento dos dentes. Montei um depósito de restos e apenas me flagrei disso quando começou a faltar prendedores para as roupas. A maioria estava desviada de sua função original e exercia bicos na cozinha.

Eu faço o mesmo — infelizmente — com os pensamentos de minha mulher. Acompanho uma ideia pela curiosidade, mastigo durante um período e deixo para o próximo dia que nunca chega. Não desejo perder, não tiro o olho, porém não desfruto até o fim. Não desperdiço e, ao mesmo tempo, não aproveito. Crio um cemitério de unhas na janela. Ela conta seu trabalho no almoço ou na janta e já a interrompo com outras distrações e não volto ao assunto. Não volto: maldito defeito do homem que se dedica a ir, não a regressar.

Não a escuto, sempre querendo a novidade. Desperto para as extravagâncias. Talvez o que mais a importe seja antigo e dito sem ênfase. Um estar ali, inteiro, descompromissado, sem fugas, sem pálpebras aéreas, sem bocas apressadas. Ultrapassar a monotonia pela dedicação.

O que a incomoda — e que ela não diz — é a facilidade em me mostrar atento para me desinteressar em seguida. Esqueço o que ela mencionou para fingir que me lembro e concordar no escuro.

A intenção em proteger os saquinhos não serve. Eles vão estragar como se estivessem abertos.

Para guardar, devo estar com o rosto de minha mulher permanentemente entre as mãos e não mais confiar em prendedores.

COMPLETO INCOMPLETO

Aniversário mexe comigo. Não porque envelheço, mas por não me curar dos que já aconteceram.

Aos 25 anos, avisei a mãe que passaria rapidinho em sua casa em Porto Alegre para um abraço. Ela me armou uma surpresa e buscou a Mariana. Entretanto, eu estava com o horário apertado, tinha compromisso na noite com a minha nova namorada em São Leopoldo. Dependia de ônibus e da generosidade dos relógios.

Mariana me abraçou com um vestido azul, alegria atizada. Seus três anos me mordendo de beijo: usava a gengiva como dente.

Ela pulou em meus ombros, me entregou um cartão com um sol cabeludo e uma árvore rebolando, naqueles movimentos de giz que unicamente uma criança captura. Eu fiquei envergonhado — não tinha folga. Na minha vida, acho que nunca fui tão insensível. Insensível a mim. Pela vergonha de cumprir o planejado.

Deveria desabafar:

— Foda-se o mundo.

A namorada entenderia. Caso soubesse, não aceitaria e providenciaria um encontro a três.

Preferi seguir o que havia combinado. Decidi sozinho, para não estragar com os filhos o início do namoro. Como se os filhos estragassem! Como se os filhos me impedissem de alguma coisa! Mas pai jovem tende a impressionar e mostrar uma liberdade que não existe, uma liberdade que é patética perto da paz de ser amado pela sua pequena. Ele omite que tem uma biografia para nascer com a nova mulher.

Não seria marido de ninguém sem meus filhos.

A filhota não assimilou minha pressa. Ou, se absorveu, fingiu que mastigou, naquelas distrações que unicamente uma criança permite. Não permaneceria com ela de noite, contrariando sua expectativa de jantar comigo.

Ela era a minha vida. Meu rosto. Meus cabelos encaracolados e uma palidez de praia deserta. Por mais comovido, segui adiante, contra ela. Pois comover pode ser apenas o primeiro passo. Comover-se não é retribuir.

O coração de pai solteiro vacilou. Como vacila entre uma história de amor e a história dos filhos, aguardando o momento em que as duas possam se cruzar. Coração de pai separado é próprio para transplante, já foi transplantado do peito à garganta com frequência.

Eu me enervei, não dominei as palavras, quando ela me puxou pela calça.

— Pai, não pode ir.

Ela veio com um bolo da cozinha. Passos miudinhos, segurando o suspiro para não tropeçar.

Colocou na mesa e emprestou sua vela de dois anos.

Ela não se importou com a minha tristeza. Cantou o parabéns com cada pausa que aprendera na creche.

Houve tempo para três fotografias feitas pela minha mãe. Todas tremidas.

Comi a torta de pé. Ela, sentada, equilibrava o garfo no recheio, no merengue. Espiava a contração de minha boca, ansiosa por uma reação intempestiva.

Ao me desembaraçar do portão, me alcançou um balão azul, como o seu vestido.

Mantive o balão perto de mim a noite inteira. A corda substituindo sua mão.

Ela acendeu a vela e demorei para apagar. Sou uma faísca atrasada, choro agora por ter faltado à festa de aniversário aos 25, a primeira festa preparada pela minha filha.

Queria tanto que estivesse comigo para dizer pessoalmente, dizer pessoalmente o que ela nem se lembra. Porque minha filha sempre foi maior do que o passado que dei a ela.



TREZE ANOS

Não é a minha idade que determina que envelheço; é a idade de meus filhos. Costumo absolver minha erosão, dar um desconto às rugas e vincos, sair com a roupa malpassada do corpo, não me ameaçar com comparações do que fui e do que sou. Mas o que fazer quando sua filha completa 13 anos?

Treze anos? Calma, não consegui absorver. Quando ela tinha 12, não parecia tão longe, ainda era possível brincar de gangorra e enganá-la com desculpas.

Não mais a interessa uma piscina de 1.000 litros. Muito menos poderei inventar penteados ou indicar roupas. Ela gosta de tudo o que não gosto. Sou o pai que ela precisa enfrentar, não mais o protetor que a colocou na bicicleta e retirou as rodinhas sem que percebesse. Resta-me esperar que ela tenha saudades de minha paternidade. Um dia, quem sabe, ver que algo ficou dos ciscos que soprei de seus olhos e descobrir que os ciscos são os meus olhos dentro dos seus.

Hoje Mariana completa 13 anos. Treze. Desculpa a repetição, estou me habituando. É um choque. Antes brigava pela festa de aniversário, por bolo, brigadeiro, branquinho, amigos ao redor. Não a agrada mais o estardalhaço de crescer. Prefere que as velas queimem sozinhas, longe da enseada da boca. Aos 13, ela não quer comemorar, ela se conforma.

De uma forma e de outra, terminou sua infância. Da adolescência vai para a vida adulta, sem volta. Não vou mais pegá-la no colo. Terei de tomar cuidado em não tocar em seus seios na hora de abraçar. Ela regula com minha altura. Pela primeira vez, não a olharei de cima. Ela me repreenderá mais do que concordará comigo. Sou obrigado a bater na porta para entrar. Nosso amor está cheio de cuidados e pudores. É um amor mais recôndito.

Ela será grosseira ao telefone e nem irá reparar (fui igual com os meus pais). Estarei sempre a atrapalhando. Ao aguardar a ligação de um guri,

telefonarei na hora. Fará o possível para que desapareça rápido. Monossilábica, pronunciará bala ou palha diante de minhas sugestões. Usará fones nos ouvidos e vai recorrer à mímica para expressar sua opinião. Dirá que não a entendo mais vezes do que o necessário. E não a entenderei mesmo.

Chegou o momento de minha insônia, permanecer acordado mexendo a luz do abajur e da geladeira, até que ela volte das festas. Pais são sonâmbulos quando os filhos nascem e quando os filhos partem para o mundo. Terei que ser independente e justo, mesmo sofrendo de medo. Não receberei mais cartões e desenhos com a promessa de amizade eterna. É recomendável guardar um estoque de sua infância para visitar e não se desesperar com a falta de notícias.

Deixarei de ser seu ídolo. Serei mais humano e falível. Ela só me elogiará quando não estiver junto, para não me influenciar.

Minha filha tem 13 anos. Ontem trocava suas fraldas, andava com um cueiro como manta, levava-a de carrinho para praça, enxergava seu riso trocando os dentes, serenava sua febre, mentia para viver mais de uma vez sua verdade. Era ontem, ela brincou de esconde-esconde e está debaixo da cama, com alguns anos que não percebi passar em seu rosto. O tempo não voa, a voz voa.

Minha filha agora me põe a envelhecer.

NÃO SEI O QUE É

Vi que minha filha estava encabulada e arredia comigo. Tentei me aproximar.

— O que houve?

— Eu não sei o que é amor, respondeu. Eu não sei se te amo, amo minha mãe, amo o mundo. Às vezes amo, outras vezes o amor é somente companhia do amor que aconteceu.

Não respondi com pressa. Fui pesquisar em mim. Retirei-me para pescar cigarras nas árvores.

Por mais profana a dúvida, ela tem razão. Temos o amor como algo definitivo. Imutável. Uma comoção com início, sem fim. Mas nem sempre sentimos amor por quem amamos, pode ser o conforto do amor que já sentimos. O passado do amor.

O amor é nostálgico e se fortalece em desenterrar os ossos. O amor tende a ser lembrança do amor. Melhor seria se fosse presságio do amor.

Uma vez dito: eu te amo, a impressão é que o amor tende a crescer e nunca terminar, que ele já fez seu trabalho e agora tem direito a descansar. O amor não tem domingo. Talvez se transforme em uma crença: eu amo aquela pessoa e pronto. Nada é capaz de dissuadir a afirmação do contrário. Isso é um erro. O amor é contrariar o próprio amor, para afirmá-lo em seguida. Não acaba de seduzir. O amor é seduzir a si mesmo, depois de seduzir alguém.

O amor não é uma verdade, muito menos uma mentira. Está se convencendo de que existe. E existir depende de não se convencer.

Corresponde a uma descoberta inventada. Descobre-se um sentimento que a gente inventou. Inventar é permitir que cresça a empatia, que a paixão se instale, que faça sentido, que até se aborreça de não ter chegado antes. No amor, ninguém entra sem pedir licença. Ninguém entra sem a concordância

do outro, ainda que involuntária. Ninguém entra sem um “amém”, um “obrigado”, um “estava esperando”, uma saudade, um aceno, uma necessidade.

Mas amar é justamente não ter certeza. Não encerrar o assunto. Ama-se aos bocados, não se ama como um pacote turístico, com passagens, hotéis e passeios orientados. Amor é sofrer a inexistência do amor. Combater com mais amor o que está se esgotando. Amor é reconhecer a possível ausência do amor em alguma hora e recomeçar. É identificar a condição de já ter sido mais forte e remar violento com a boca em direção ao fundo. Nadar na alegria do desespero.

Houve dias que minha filha não me amou. Houve dias que minha mulher não me amou. Houve dias em que eu não amei. Mas houve dias em que minha mulher me amou em dobro, que minha filha me amou em dobro, que eu amei como se não houvesse um entardecer do braço.

Antes de dormir, apareci para minha filha e conclui:

— Amar é não parar de perguntar.

Ela virou o rosto para o travesseiro, enfiou o pescoço na coberta e me confidenciou:

— Então, eu te amo pai, mas não espalha.

UMA SOLIDÃO SOLTEIRA

O que é ser mãe? É nunca precisar responder a essa pergunta. Diferente de pai, que sempre se explica e gosta de se explicar. Mãe parece que nasce sabendo, não importa a idade, não importa a disposição. Julga-se como um dom natural e um desejo de vida, desde o momento em que brincava de boneca na infância e formava uma família imaginária no quarto. Que menina, quando pequena, já não sonhava em trocar a roupa do filho ao vestir e desvestir sua Barbie? Ser mãe não é encarado como profissão nem deve, mas é tão estafante quanto um início de carreira. O papel é visto como prazer e dádiva. Para alguns homens, é reconhecido como o cumprimento de um ideal. Um sonho. Mas não significa que será fácil. E não é. Responde a um dos períodos de maior aprendizado, nervosismo e tensão. Durante a gravidez, a mulher se multiplica. Espiritualmente é duas. Ganha atenção dobrada. Seus pedidos mais estranhos são atendidos. Cavalheirismo e educação exagerados batem à sua porta. Não me refiro aos assentos vermelhos do ônibus e do metrô e dos guichês do banco, reservados a gestantes. Muito além disso: abrem-se os caminhos do entendimento e da cordialidade. Ela encontra uma paz de bosque, uma quietude social. Não é contestada, criticada, desafiada. Nada que prejudique o andamento da gestação. Sua fragilidade a ilumina de carícias.

Depois do nascimento, desconfia de que sua barriga serviu para um aluguel de luxo, que os familiares se importavam com a criança a vir, não com a criança adulta que se transforma em mãe. Paparicam o bebê e ela acaba de canto, alheia, sequiosa por um aconchego que não chega. Na hipótese de atravessar uma cesariana, dolorida e custosa, não receberá

sequer algum questionamento sobre sua saúde. Andará sozinha, bem lenta, atrás do cortejo. A depressão pós-parto não é uma miragem, sinaliza desvalia.

De uma hora para outra, a mulher não é mais responsável pela sua existência, é responsável por duas vidas. Não poderá se dar ao luxo de pensar somente em si. Pensará em si por último, caso sobre tempo. Aliás, vejo que não é casando que a mulher deixa de ser solteira, ela muda efetivamente de estado civil ao gerar um filho. A dependência é substituída pela independência, no sentido de orientar e educar a criança.

Por mais que esteja acompanhada de um marido companheiro e atento, é como se mandasse no campinho. É ela que deverá responder — ou acredita que deve responder — no surgimento de dúvidas e impasses. O homem ainda goza da regalia de coadjuvante, com atenuante de que não precisa conhecer tudo. Pai está aprendendo a ser pai, mãe está ensinando a ser mãe. A crença é que a mulher tem uma enciclopédia embutida no ventre.

Licença-maternidade não é uma licença poética. Não é apenas estacionar o filho na vaga preferencial do seio. Mal se recuperou do parto e enfrenta a multiplicidade de atividades. Não dorme pelo medo de dormir e deixar escapar um apelo do bebê e ser incriminada por omissão. A insônia é o de menos. Até encontrar a posição certa de segurar o nenê para não ter cólicas, até encontrar a melodia adequada que tranquiliza o choro, até encontrar a postura confortável para não sofrer com dor nas costas, é uma arte.

Entre cueiros e tip-tops, entre fraldas e lençóis, dificilmente será reconhecida em família pelos seus pequenos e imprescindíveis feitos. De que modo contar a terceiros e ao próprio marido o que fez? Que deu leite, arrumou as roupas, limpou o cocô, deu papinha e que essas operações tomaram o seu dia? As energias gastas em 24 horas serão reduzidas a um relato de três minutos. Dirão que é exagero. Começa a cobrança e a sensação de que não é compreendida.

O marido aparecerá em casa, leve e lépido, mais disposto (é claro), e brincará descansado com o filho, imitará sons de bichos, desfrutará da

organização e de uma companhia para dividir as tarefas. Ele curte o que desejava para você. O pai é o parque, a mãe é dia útil. Resta assistir à alegria como se fosse sua.

Imagine uma profissional hiperativa mergulhar de repente nesse mundo em que nada aparenta acontecer e tudo acontece sem jeito de demonstrar? Ter a rotina reduzida a dez quarteirões do bairro, na faixa que compreende a quitanda, a farmácia, a praça e o mercado, como um exílio em sua cidade? Uma mãe recente é uma ótima crítica da televisão à tarde. Pela primeira vez, é capaz de opinar com fundamento sobre a qualidade dos programas.

De um comercial a outro, o filho cresce mais rápido do que supunha. O que adiava para fazer continuará adiando. Se nos preparativos, demorava séculos para definir a cor do enxoval, as decisões agora são rápidas e fulminantes. São para ontem. O filho largou o peito, deve então acertar a temperatura do leite, preparar a comida, optar pelas peças da gaveta. Será que ponho casaco ou não? Está quente ou frio? O ponto mais visitado é a bunda rosada da criança, para verificar assaduras. As mãos cheiram a Hipoglós e não é de estranhar que a pasta branca fique nos vãos dos dedos no momento de dormir. E, quando toca o telefone, a mãe se envergonha de dizer que está segurando o filhote no colo e faz o impossível para que a voz na linha não note o incômodo. Um malabarismo para acalmar os gritos do pequeno, entender a conversa e ser educada. Mãe carrega muita culpa desnecessária. A maternidade é uma solidão desproporcional, uma solidão solteira em cama de casal.

A libido fica em baixa, não se tem a mesma vontade louca de transar. Nem é vontade, é disposição, condicionamento físico. Após desbotar o tapete do corredor no vaivém, não há como se arrumar. Arrepende-se dos espelhos no quarto adquiridos para projetar posições eróticas. O homem se aproxima dengoso e amoroso e a dor de cabeça é a saída menos explicativa. Existe um cansaço inclusive para DR (Discutir o Relacionamento).

A mulher se vê acima do peso, com os seios estranhamente grandes (talvez o homem goste da protuberância, esquece que o aumento é inchaço,

que dói e não é para ele) e a cintura se equilibrando com a transformação. Pela primeira vez, um maiô não é uma ideia insuportável. O corpo está longe da rigidez e para recuperar as formas antigas só com muita ginástica, musculação e sorte.

Ela está distanciada do nécessaire, substituída pela sacola forrada de plástico, com pomadas, panos, bicos e o restante infinito do arsenal infantil. O máximo a fazer é paquerar a sinaleira. O único jeito de avançar no sinal vermelho é ali, com o carrinho de bebê na faixa de segurança.

Se não está aprontando e ordenando as coisas, está limpando a bagunça. Se não está encaminhando a criança ao sono, está dormindo junto. O banho de banheira da criança que encharcará o piso será o raro momento em que se ausentará, ouvirá novamente sua respiração e buscará informações atualizadas da rua.

Falei do trabalho, porém é o isolamento que mata. O pai age, na maioria das vezes, como um porteiro das visitas, cumpre a convenção social de mostrar o bebê para em seguida continuar suas conversas. Um elogio pra lá, um elogio pra cá, a criança abandona a cena e a mãe corre atrás, para atender as chamadas noturnas. Não há como acompanhar os papos entusiasmados e eufóricos. Escutam-se as risadas do quarto, com receio de que a criança seja acordada e tenha de recomeçar o acalento. Torce para que as visitas saiam cedo.

Os amigos e amigas da mulher, de contato frequente, de repente desaparecem. No início, podem rodear o bebê, propor bilu-bilu e esganiçar dublagens. Exaltam o nascimento. No instante do socorro e da exaustão, nenhuma alma por perto. Acontece uma segregação silenciosa e terrível. Alguns se afastam para não incomodar, outros para não serem incomodados.

Durante essa fase, os relacionamentos escasseiam também devido à exclusividade materna. Quem não tem filho pode achar esquisito, mas pais discorrem na mesa sobre quantas vezes a cria foi aos pés e a cor das idas e vindas! Ela encontrará dificuldade de conversar de outros assuntos que não

os relativos ao seu filho. Afinal, seu universo gira em torno dele. Vai se aproximar de outras mães para dividir suas dores e delícias. Um dos motivos para que as reuniões das creches sejam longas. É um momento de desafogo e de cumplicidade.

A mãe quer se sentir ouvida, falar do que incomoda na hora em que sente. Não depois quando já se confortou. Ou antes quando não entende. Tal jornal, mãe é para ser lida no dia. A pior coisa para ela é estocar sentimentos e apreensões, como quem guarda inutilmente papel velho. Mãe deve dizer o que a confunde de pronto e ser respeitada em silêncio até o fim, para que a preocupação não seja convertida em recalque.

Quando não está ao lado da criança, mãe padece com severa intensidade. Uma saída para se distrair — ou ao retornar ao trabalho —, e está ligando apavorada para a babá, solicitando relatos minuciosos dos últimos movimentos do rebento. Pavor de que não haja quem cuide melhor do que ela. Ou pavor de que alguém cuide melhor do que ela.

O que é ser mãe? É nunca precisar fazer essa pergunta. O que se experimenta em segredo, o esforço hercúleo, o afeto pontual serão recompensados com a telepatia. A mãe notará que é possível esconder seus sentimentos de qualquer um, menos de sua criança, que alisará seus cabelos no desalento com o pente das unhas e nadará com alegria em seu corpo em cada abraço. E basta observar que a criança imita seu trejeito, basta reparar que a criança segura os objetos com a sua firmeza, basta reconhecer na voz dela o galho florido de seu timbre, basta cheirar o cangote e descobrir quantas fragrâncias não foram criadas, basta vê-la caminhar longe do apoio, balançando como um pinguim, basta ouvi-la dizer “mãe” com a pausa de uma reza, basta ser surpreendida com as repetições de suas ideias, basta que ela invente novas possibilidades para linguagem, basta que ela ponha a digital em um cartão, que ela retribua o “eu te amo”, e as adversidades serão esquecidas. As adversidades já serão amor.



JOGO DE COMPARAÇÕES

Os pais estabelecem um jogo de comparações com seus filhos, determinando o que puxaram de um e do outro. É como se houvesse somente dois caminhos genealógicos. O filho fica prensado entre a família da mãe e a do pai. Faço igual e com a malandragem de empurrar o temperamento difícil das crias para o lado materno. Ponho as facilidades de adaptação em minha conta.

A identificação inicia logo com o nascimento da criança. É uma adoração de seus pequenos feitos e passos. O bebê boceja e a mãe sai gritando: “ele me chamou de mãe”. A criança arrotta e o pai descobre na sonoridade semelhanças com seu nome. Uma corrida insana para patentear os movimentos. A palavra de estreia da criança transforma-se no primeiro litígio amoroso. Devia-se existir um perito no mercado, misto de fonoaudiólogo com detetive, para esclarecer a dúvida.

É um jogo de poder e queda-de-braço. Pode ser inclusive divertido. De noite, o casal entre beijos resume na cama as últimas dos filhos, os vocábulos surpreendentes, os atos inesperados, os gestos de carinho. E estão contabilizando: — Isso é meu, isso é seu.

Lembra inventário de parente, liquidação de loja. A atitude não é negativa. Mas corresponde à chance de perpetuar as aspirações, de vingar a personalidade e, quem sabe, de viver além da efemeridade da carne.

É evidente que a maldade e a indisciplina serão órfãs. Não há um interessado para adotá-las. Quando a criança apronta, é normal comentar: “não sei quem você puxou...”. A porção ruim e selvagem é creditada ao acaso. Somos pais apenas das boas notícias e primos distantes das más.

Os apontamentos das semelhanças vão além das características físicas. Seria tolo dizer que o filho é alto porque sou alto, de que é castanho porque a mãe é castanha, de que tem olhos claros em respeito ao avô. O cruzamento refere-se a traços subjetivos, que formam o DNA do espírito, que inclui teimosia, implicância, generosidade, resistência, inteligência e coragem. Os pais realizam um teste vocacional a cada semana. Os filhos nem notam.

MEU MEDO

Eu só jogava futebol. Ou pegava frutas, mas depois de jogar futebol. O futebol era o início e o fim de meu dia. O resto ocupava em imaginar meus gols.

Quando criança, o terror consistia em chutar a bola na casa da vizinha. O meu pátio tinha uma ligação com o pátio dela. Uma cerquinha não dava conta. Na decisão da partida, a bola escapulia. Na primeira vez que fui pedir, ela já ralhou: “não devolvo, é meu terreno”. Foi apelidada para sempre de Velha. A Velha. Nem sequer cogitei perguntar o nome. Eu pergunto o nome de quem guardo esperança.

Eu e meus irmãos começamos a criar estratégias de guerra, como descida do telhado, segurar as pernas do outro de cabeça para baixo e se fingir de mendigo (“Tem pão velho?”) no interfone para distrair sua atenção. O jogo ganhava entusiasmo. Mas ela comprou um doberman, que dificultou os resgates. Além de zelar com latidos histéricos, o cachorro mostrava uma tara incomum pelas bolas (será que foi treinado?). Era obsceno: ele lambia as bolas. Com toda a conotação sexual que pode existir. Lambia a bola, como um filhote. Levava a bola como se fosse um boneco inflável. Roubamos da geladeira a chuleta de domingo. A mãe culpou depois a empregada (desculpa, Aurélia, foi a gente). Arremessei o alimento do portão enquanto os manos pulavam a cerca por detrás. Funcionou, mas não tinha como furtar a carne todo dia.

O doberman careceu de patas para guardar tantas esferas. E foi assim que definimos nossa vida: caso caísse na Velha, o brinquedo era morto.

Não imaginava que o trauma fosse se repetir comigo aos 33 anos. Jogo futebol com o Vicente no terraço. Antes, seu chute não ultrapassava a altura da cerca. Garantia de diversão. Porém, ele ganhou força na perna e lança

agora a bola longe, para os telhados das casas embaixo. Foram quatro bolas para o telhado da vizinha, com o barulho estridente de ovo.

Gritei para meu filho: “abaixe-se! Para ela não enxergar”. Expliquei que ela não devolveria, que estávamos colocando sua casa em risco, poderíamos quebrar alguma vidraça.

Ele se calou, assustado, o susto é a compreensão de um menino de 4 anos.

Sobraram três bolas.

Não tocamos mais no assunto e tentávamos nos controlar. Até que meu filho inventou de dizer ter sonhado que recuperou todas as bolas, que recebeu uma sacola com elas e citava uma por uma, o tipo, a cor, o peso. Não reprimia a árvore dos cílios.

“Sonho se realiza, pai?”

Fui para o trabalho incomodado. Como comprar todas as bolas parecidas com as dele? Não havia jeito. Adquiri em diferentes lugares.

Decidi, com o medo ancestral da Velha que estava introjetado em mim, bater na casa da vizinha. Apertei o interfone, esperei um pouco, quando completava a meia-volta, uma voz feminina replicou: “quem é?”.

Avisei que era o vizinho do terraço.

— O Fabrício?

— Sim (ela sabia meu nome).

— Só um minutinho.

O minutinho demorou um corredor de hospital.

Ela abriu a porta com um riso. Pensei que fosse sádico, não era. De ternura severa.

— Queres as bolas?

— É que meu filho sonhou que conseguiu de volta.

Logo em seguida, ela veio com uma sacola.

— Toma todas que caíram aqui, podes vir sempre. E manda um beijo para teu menino. Sou professora e o que alegra os pés alegra as mãos.

O nome dela é Dorinha.

VELHO-DO-SACO

Tremia de horror do Velho-do-saco.

O Velho-do-saco poderia ser um mendigo, carroceiro, vendedor de vassouras, representante da Hermes, traficante de enciclopédia e amolador de facas. Sempre aparecia quando contrariava os pais. Comigo, não funcionava o aviãozinho. Se não desejava comer, alguém inventava de apertar a campainha e meu estômago e zum: minha boca virava uma colheitadeira. A mãe suspirava diante da mudança de atitude.

O velho do saco ficava ainda mais assustador quando perguntava o que ele carregava.

— Crianças, ora bolas!

A mãe respondia a seco, sem o mínimo de complacência. Atitude esquisita para quem se mostrava sensível e preocupada com entidades carentes e que ia toda santa manhã na igreja. Demonstrava indiferença com o destino dos meninos e meninas sufocados no tecido de estopa e afastados dos pais. Eu me revoltava com sua insensibilidade social.

O Velho-do-saco foi o primeiro sequestrador que eu tive conhecimento. Sonhei várias vezes com ele e ainda desfruto de condições de fazer um retrato falado. Barbudo, olhos vermelhos, sem queixo, com roupas de lenhador e ouvidos imensos de concha de praia, entenderam?

Ele se parece com todo mundo, por isso é o Velho-do-saco. Ele se disfarça dele mesmo, o que deveria confundir a localização pela polícia. Agiu impunemente durante a infância inteira. Lia o jornal para conferir se foi capturado, o que ainda não aconteceu. Fui uma criança que acompanhava o noticiário policial. Não pude constatar os efeitos colaterais desse hábito precoce.

O Velho-do-saco gostava das esquinas com mais vento. Deduzia que seu ponto fosse o da Rua Bagé com a Palmeira, perto de uma lombá. Passei uma

tarde espiando sua ausência de binóculo.

De noite, meus irmãos lembravam comigo das escalões dos times de futebol para afugentar o sono e distrair a obrigação noturna. Nosso pai surgia no quarto para dizer que o Velho-do-saco estava fazendo ronda pelo bairro e que o silêncio era o único jeito de enganá-lo. Eu me escondia nas cobertas, ouvindo minha respiração e os dentes do coração mastigando o ar. Os dentes tortos do coração. Os dentes de leite do coração que nunca cederam lugar aos permanentes.

Recordei de tudo isso no Dia das Bruxas. A escola pediu para o meu filho desenhar o que lhe dava pavor.

Um colega dele providenciou o lobo mau, um segundo confessou covardia do escuro, o terceiro imaginou monstros no armário, a menina lembrou dos fantasmas, outra colega ilustrou a morte com uma cruz... Cartazes ocupavam a porta da sala de aula.

Perto da fechadura, o rabisco do meu filho reproduzia um homem de pernas para o ar. A legenda era ainda mais estranha e engraçada: Vicente tem medo de aula de capoeira.

É um alento descobrir que o Velho-do-saco se aposentou.

PIJAMA MONOCROMÁTICO

Com os filhos, queremos ressuscitar nossa infância. Fui comprar pijama para o Vicente. Passei nas lojas mais descoladas com ele a tiracolo e não encontrei um conjunto que servisse. Não era problema de número, nem de falta de mercadoria. O problema era eu.

Não achei um pijama como antigamente. Pijama inconfundível, com cara e temperamento de pijama. As atendentes mostravam apenas roupas que poderiam servir para passeio e festas com o título falso de pijama.

Bermudas e camisas estampadas com figuras da hora que não se diferenciavam em nada daquelas que pulam das gavetas do seu armário. Desde quando bermuda e camisa coloridas formam pijama?

Cadê o conjunto monocromático que ninguém duvidava antes de sua natureza sonâmbula, que poucos teriam a coragem de ostentar na rua? Pijama mesmo, com sonoplastia de telenovela, de tecido leve para trafegar entre a janta e o café da manhã. Pijama como roupa para dentro. Pijama que tinha como único parente possível a malfadada ceroula, calça colada que a mãe me obrigava a botar no inverno debaixo do uniforme.

Pijama que combinava com os cabelos em pé e os olhos remelentos. Com uma caneca de Nescau e bocejo de urso.

O pijama representava um segundo lençol, uma segunda cama, as bairas arrastadas na cozinha. Nosso cheiro dormindo. Minhas melhores noites dependiam se o pijama estava limpo, seco e passado.

Agora os pijamas são trajes para sair, vestuário frequente na praça, na piscina, na lanchonete, sem causar um ruído de estranhamento.

Na minha época, sair com pijama para recolher o jornal era sair pelado. Um risco, atenuado com pedaladas cronometradas e rápidas corridas com a porta entreaberta. Atender visita de pijama respondia a um constrangimento. Ou expressava um grau severo de intimidade.

Hoje pijamas são peças comuns, que mostram a pressa dos casais. Os filhos dormem daquele jeito e estão prontos para sair. Não precisam se arrumar. Já dormem vestidos de escola. Não têm folga para se desapegar do sono, negociar com a luz e fazer chantagem com as janelas. Mal levantam e são intimidados a pegar suas coisas e voar pelas escadas. Até os pássaros gozam do direito de trocar a voz quando acordam. Sem o pijama, descemos roucos com o sono ainda dominando os movimentos.

Sou favorável ao velho pijama. Nem tanto ao pijama velho. Pode me rotular de nostálgico, de saudosista, de conservador, argumentar que o figurino atual é bem mais atraente. Sei que é. Questiono o sacrifício do costume que se escondia no pijama e que permitia ficar mais tempo com os filhos. Mais tempo com a hibernação da casa no corpo.

GIRAR O VIDRO DO BALEIRO

Somos o que pedimos ou o que deixamos de pedir?

Não tinha coragem em minha infância de pedir o que desejava, eu desejava o que vinha.

Poderia roçar meus olhos nas vitrines das lojas, mas não apontava e dizia:

— Quero agora!

Não me envergonhava dos meus sonhos, justo por isso. Meus sonhos aumentavam os brinquedos que recebia.

Não ganhava mesada, tinha direito a ficar com as moedas quando minha mãe trocava de bolsa. Repartia com meus irmãos em chicletes e balas para rodar o vidro do armazém. Meu carrossel era girar o baleiro.

Um pouco de nostalgia não fere a barba. Meu filho completa cinco anos. Eu perguntei e perguntei o que ele queria. Como de costume, replicou com um abraço nas pernas:

— Qualquer coisa, qualquer coisa tá bom.

Qualquer coisa que eu desse para ele estaria realmente bom. Não estava fingindo com “não precisava”. Ou escondendo o que pretendia. Clipes coloridos, uma lupa, um carimbo e ele se veria espelhado.

Fui com ele olhar uma bicicleta. Já que não consegui ensinar a minha mulher, ensinaria a ele. Revistamos o shopping, até que ele ficou em dúvida entre duas.

O cansaço me agitava: — Escolhe logo!

Ele me indagou, suave: — Levo a mais barata.

A noção de que ele deve ajudar a família é maior do que seu desejo de ter tudo em seu quarto.

Outra história, agora com meus sobrinhos. Joãozinho, 4, e Nana, 7, pediram presentes aos seus pais. Nana gritou: Playstation! Joãozinho, com olhar de bolinha de gude, recitou baixinho para seus pés: — Sementes para plantar arvorezinhas na chácara.

Ofertas cumpridas, até hoje o Playstation está parado no armário e Joãozinho plantou melancia, laranjeira e o diabo de flor durante uma semana, com a alegria escandalosa da bananeira.

Somos o que pedimos ou o que deixamos de pedir?

No amor, a ambição destrói a possibilidade de criar com pouco. Dar é subtrair a invenção.

A imaginação prefere a modéstia. Amor não é para ocupar o tempo, mas desocupar. Comprei muitas vezes um pacote faraônico para não precisar brincar e estar junto. Algo para me dispensar de participar, que me isente da proximidade.

A compulsão de surpreender com presentes e joias esconde uma avareza por dentro. De algum modo, estamos dispensando a comoção acompanhada de uma música ou da própria voz. Estamos nos substituindo.

Um afeto inesperado, uma palavra espichada como colar, uma meninice na hora de acordar correspondem ao apelo. Criar escolhas pode ser mais prazeroso do que escolher.

Penso isso ao encostar na árvore que Joãozinho plantou, com meu filho andando de bicicleta pelas lombas, num entardecer de ferrugem dos morros. De repente, nem vou escrever esse texto.

Encosto nas árvores para meu corpo crescer.



DE BANDEJA

A mãe adoeceu e ele teve de levar o filho ao trabalho. Era garçom do restaurante Ouriço. O filho de 4 anos foi tomado de austera alegria. Uma alegria adulta, por assim dizer. Uma alegria de levantar o queixo como se houvesse levantado de um dia para outro uma penugem entre o nariz e os lábios.

A criança não se conteve de ansiedade. Finalmente iria ao trabalho do pai, tantas vezes prometido e adiado.

O pai, constrangido, explicou ao chefe o contratempo e prometeu não incomodar.

Só que a criança perguntava mais do que o tempo de responder. Imitava seus gestos, sua carranca, questionou se ele não receberia também uma gravata borboleta.

Há guris que sonham em ganhar uma camisa de futebol, o menino desejava uma gravatinha para encurtar o pescoço. Uma gravatinha para se exibir ao pai. Para mostrar o quanto os dois se pareciam.

O pai avisou que não tinha. Brabo. Já estava brabo, porque precisava atender as mesas, trocar as toalhas, repor o serviço, providenciar a comida.

Se o garçom normalmente olha para todos os lados, ele olhava até para fora do restaurante a antever quem se aproximava. Orava pelo pouco movimento. Por ironia, a casa lotou rapidamente e sua pressão subiu como espuma de chope.

No entrevero entre a cozinha e a recepção, não é que seu filho derrubou um prato de petiscos... O garçom-pai parou tudo para varrer, recolher os cacos e pedir desculpa.

Saiu ralhando:

— Não mexe mais em nada!

Ingenuidade crer no silêncio:

— Pai, o que eu vou fazer com os braços?

— Que braços?

— Não posso mexer em nada.

A criança observava com admiração a agilidade do pai, capaz de suportar uma pilha de sete pratos em uma única mão, contornar as cadeiras com a cintura sem deixar cair e gritar os números das mesas.

— Meu pai é malabarista.

— Meu pai nunca erra.

— Meu pai é famoso, todos chamam ele.

A cada elogio que recebia, o garçom se irritava. O amor impróprio para aquele momento. A criança não entendia com quem falava, diferente do pai solto, risonho e brincalhão de casa, que o ajudava a colar figurinhas, que contava histórias e o fazia dormir com a mão no rosto.

— Por favor, vou perder o emprego.

O filho ensaiou um resmungo pela expressão de raiva, não por ter compreendido as palavras.

— Tá bom, tá bom, depois a gente conversa.

O chefe percebeu o desespero de seu funcionário. O medo de falhar. Alcançou uma travessa para o menino levar refrigerante para uma mesa e entusiasmou os movimentos mexendo em seus cabelos.

A criança foi bem devagar, contando os passos, orgulhoso e altivo com sua barba imaginária. Calçou o pedido na mesa. Tirou primeiro o refrigerante, depois o copo, concentrando o peso na boca. Tranquilo, como chuva e calha. O casal servido bateu palmas.

A criança falou alto, para que a voz encontrasse seu pai antes dele: — Viu? Sou que nem meu pai...

Seu filho era mesmo ele. Mas bem melhor.

PRESENTES

Em festa de criança, eu fico incomodado com o saco de presentes. Uma cesta escandalosa na entrada em que os convidados despejam os pacotes. A ação é essa: despejo. Eles até procuram o anfitrião, mas são dissuadidos e orientados a deixar os embrulhos ali, como se fosse qualquer coisa. Como se fosse embalagem usada de docinho. É um contêiner de entulho versão luxo. Cria-se uma situação de pedágio, paga-se para transitar. E a cancela é automática, sem nenhum rosto para confortar.

Na minha infância, o aniversariante recebia o convidado na porta, rasgava o papel com avidez e cumprimentava efusivamente. No mínimo, agradecia com um abraço. Dependendo do entusiasmo, com um aperto, beijos e um puxão. Identificava quem havia dado a lembrança e alfabetizava o afeto. Saía a contar a novidade aos familiares, com os dentes ainda banhados de saliva.

O saco de presentes é hoje um pequeno tirano. Convenhamos, é um sinal de desprezo. Escolhe-se o brinquedo com minúcia durante horas em um shopping, procura-se o que de melhor pode agradar e não se dá a mínima. Os brinquedos serão abertos em escala industrial depois da festa. O afortunado, na ânsia de descobrir o que vai por dentro, não verá nem o nome de quem ofereceu na etiqueta. Não valorizará cada objeto, pois ficará desconcertado com o excesso de opções. Brincar um pouco com o primeiro, um pouco com o segundo e esquecerá os demais.

O saco de presentes é ensinar a criança a quantidade, não a qualidade da amizade, é ensinar o distanciamento, não a companhia e a convivência, é ensinar a bajulação, nunca o respeito. Transmite ostentação, arrogância e individualismo. As crianças da festa querem desvendar o que o aniversariante ganhou. Por que não repartir a memória?

Na semana seguinte, a mãe e o pai organizadores da comemoração não saberão agradecer o presente. Desconhecem o verdadeiro remetente. A saída é fazer de conta que a festa foi no ano passado e mudar de assunto.

É a cultura do refugio, disfarçada no anonimato. É de se pensar que o saco de presentes está espalhado no cotidiano de diferentes formas. Quantas vezes não o usamos em nossa casa sem querer? No quarto ou na sala de estar, no momento em que deixamos de ouvir para falar, que deixamos de arriscar para não perder tempo. Que deixamos de gritar, de se expandir com emoção, de exagerar com receio de ser espontâneo. Que deixamos de abrir a vida na frente do outro por comodismo ou indiferença. Quantas cestas invisíveis não existem entre os casais, para empilhar palavras que permanecerão para sempre desconhecidas?

INSÔNIA

O cueiro, os paninhos, os aventais, os bordados, as fraldas das gavetas assistidas diariamente. Não faltaram panos para esticar a infância.

Cheiro a nuca, contorno as golas, arrumo suas cobertas e a respiração deles não deixa a minha boca se afastar.

Talvez seja assim. Todo o ar que entra pela casa passa pela respiração de meus filhos.

De pequeno, mirava o céu durante horas a descobrir quem soprava as estrelas. Acreditava que as estrelas eram nuvens que não foram capturadas.

Não dormirei de olhos limpos. Não lavarei os meus olhos ao acordar.

Ficarão sujos. Sujos daquilo que vi.

O tanque de pedra de minha avó era tão verdadeiro. As roupas de molho recebiam braçadas de figos ao longo do entardecer. Minhas roupas cheiravam a figueiras. Corriam espantadas de pássaros.

Eu me distraio. Distraído dos filhos à perturbação dos astros, dos astros ao nervosismo dos chinelos, dos chinelos aos remédios vencidos, dos remédios à sentinela que come a marmita diante do televisor, da sentinela ao cachorro revirando o lixo, do cachorro ao carro que passa sem reparar que estou aqui no quarto andar de minha paz.

Na aula, vivia distraído com o que acontecia fora da aula. Fora da aula, distraído com o que acontecia dentro da aula.

No casamento, distraído com o que acontecia fora do casamento. Fora do casamento, distraído com o que acontecia no casamento.

Eu me disperso com facilidade. Minha dispersão é amor avulso.

Não me despeço, me disperso.

Às vezes me bate um desejo de viver tanto, tanto, que até me esqueço de falar.



SETE SEGUNDOS

Sete segundos é o tempo de diferença entre a transmissão de uma tevê a cabo da narração do rádio. Sete segundos: parece nada, nem pesa. Mas nenhum velocista alcançou sete segundos em um recorde de 100 m rasos. Mas sete segundos em uma partida de futebol culminam em drama. Na cobrança de uma penalidade, por exemplo, o jogador já está comemorando com a torcida e o telespectador ainda o observa ajeitando a bola na marca de cal. A bola apanhou da trave e confiamos que pousará nas redes. E se for uma decisão de pênaltis, o atraso provoca uma histeria. Uma desvantagem que aumenta a frustração e tira o sabor da vitória. A sensação é que somos os últimos a comemorar e a lamentar.

Sete segundos é a expressão da paternidade e da maternidade. Todo pai e toda mãe são sete segundos. É uma atenção multiplicada ao extremo, uma posição intermitente de luneta aos pequenos desenlaces domésticos. Sete segundos para apanhar um copo que a criança não segura direito. Sete segundos para censurar o filho no momento em que enfia seus dedos na tomada. Sete segundos para se dar conta que ele prova a ferrugem de um parafuso. Sete segundos para evitar uma mordida de cachorro. Sete segundos para segurá-lo na escada. Sete segundos para agarrar a gola no momento de atravessar a rua. Os pais não têm tempo para pensar, são sete segundos afinal dentro de seu corpo. O gesto não avisa o pensamento. Não somente vestimos os filhos, os filhos nos vestem de premonições. Os pais deslizam entre duas estações, duas frequências. Exageram os cuidados, nunca definindo ao certo o que é do que pode ser. São profetas enrustidos.

Pai e mãe mantêm um radar involuntário pela respiração, exercitam uma intuição que faz olhar mesmo quando não olham. Todo pai e toda mãe são paranormais. Não entortam talheres, não levantam objetos até o teto; em compensação, previnem-se de qualquer tragédia quando não existe

possibilidade imediata. Descobrem quando a criança está com febre no meio da noite. Desconfiam do silêncio do quarto quando os filhotes brincam.

Lembro que minha filha colocou um enorme botão na boca, como se fosse uma bala soft. Foram sete segundos para identificar que faltava uma peça na extensão do edredon. Não vistoriei o chão, não cogitei a hipótese de estar em outro lugar, o que era mais lógico, senão na dentição miúda da pequena. Sete segundos para correr determinado em sua direção, bater nas costas e vê-la cuspir meu medo. Tirei aquilo com uma agilidade que não seria capaz de usar em meu favor. Um pouco de indecisão e ela engoliria.

Sete segundos demonstram o tamanho da responsabilidade que o pai e a mãe carregam no pescoço, como se o mundo dos filhos fosse responsabilidade integral deles. Dentro ou fora de casa. Os pais se veem como onipresentes — é uma fragilidade onipresente, uma vulnerabilidade onipresente.

Não dependem de explicações e de telefonemas para compreender. Os pais se ressentem de não oferecer exclusividade. Os pais se amaldiçoam pelo sofrimento (imaginado ou real) de suas crianças. Quando o filho se machuca na escola, o pai e a mãe pedem “desculpa” a ele. Pedem perdão inclusive no momento que não têm culpa.

Entre pai e filhos, há um amor inexplicável. Um amor pacientemente rápido.

CONVERSA SÉRIA

Pede-se transparência como se fosse fácil. Falar os assuntos com franqueza, esquecendo que existe a fraqueza por detrás.

Conversar com os filhos abertamente, com o namorado abertamente, com os pais abertamente não é dizer tudo. Relação aberta é também não falar.

A honestidade termina quando cai no constrangimento ou na vergonha. A conversa não pode diminuir o interlocutor, fazê-lo sentir culpado, humilhado.

Cito duas cenas de ilustração. Um amigo se masturbava no banheiro. Sua irmã mais velha pegou a cópia da chave e o flagrou no ato. Não bastando, gritou a sua colega de escola que o irmão estava batendo punheta. Pelo que sei, citou até o tamanho do pênis. É óbvio que o amigo ficou vexado a ponto de não olhar para suas calças durante um mês.

É traumático confundir liberdade com intimidade. A linguagem não permite a clareza integral, muitas vezes não dizer é um modo de compreender. O escuro conforta e oxigena. Nada demais em se masturbar, eu faço, a maioria faz. Que ridículo seria o pai ou a mãe chegar do trabalho e perguntar: “Filho, se masturbou hoje?”.

Abordar o sexo não é torná-lo uma religião, com minúcias extravagantes e irritantes. Hábitos são saudáveis desde que não transformados em caricaturas ou depreciados em manias. Não é justo apagar o sentimento. O amigo estava reagindo com a sua sexualidade de um modo espontâneo e natural. O problema não era dele, mas da irmã, que o retorquiou como se ele fosse uma aberração.

Duvido quando sou convidado para uma conversa séria, sei que terei que enfrentar um novo trauma pela frente.

Conversa não precisa ser séria, pode ser divertida, imbuída de alegria e autocrítica. Recordo que a primeira vez que transei em casa sujei seriamente os lençóis. Não tinha noção do funcionamento da máquina de lavar. Passei um sufoco para me livrar do pânico: o que a minha mãe iria concluir? Escondi os panos no armário da lavanderia. Era patético esconder naquele canto, numa caixa de papelão, alguém perceberia a falta, porém quando estamos com receio realizamos as coisas mais absurdas. Minha mãe deve ter encontrado os lençóis, sumiram dali a três dias, lavou e não me comentou uma nuvem. Não me censurou, não me deixou culpado. Sua educação me protegeu e me inspirou a confiar nela. Não me vi como um animal acuado, e sim como alguém aprendendo a lidar com a vida.

Relação aberta é também respeitar o silêncio.

HOMEM ROSA, MULHER AZUL

O homem é ensinado a ser homem se opondo à mulher. Tudo o que é de mulher não é de homem. Tudo o que é do homem não é da mulher. Joga-se o menino contra as meninas, não são eles que não se dão bem, são os pais e próximos que os diferenciam de modo ostensivo. Os preconceitos são invisíveis e não menos duros. Há brincadeiras para cada um dos sexos na escola. Não poderia brincar de casinha, que alguma professora já me dizia que meu lugar era no campinho. Levar carrinho de bebê, então, nem se fala (como se o homem não pudesse exercitar a paternidade logo cedo e fosse exclusividade da garota).

Formam-se rodas, panelinhas e grupos por gênero, em que é aconselhável não se misturar. Com o pretexto de evitar a malícia e fortalecer identidades, cortam-se os cabelos da boca. Segredo de homem, segredo de mulher. Menino mija de pé, menina mija sentada. Desde o começo, o homem entende que para ser homem não pode ser mulher. Só isso. Não ensinam o que é ser homem, ensinam o que não é ser homem. Ele entende errado, entende a aparência de ser homem, em vez de entender que para ser homem deve ser com a mulher.

É incitado a se separar, a brigar, a teimar, a não pintar as unhas, a fazer programas diferentes, a não gostar de lojas, a não chorar em público, a não conversar demais, a não expor seus sentimentos, a ser forte e frio, a carregar peso, a brigar com os punhos. Ser homem condicionou-se a uma oposição à mulher, cristalizado na figura de adversário feminino.

Eu não podia jogar amarelinha porque não era coisa de homem. Eu não podia jogar cinco marias porque não era coisa de homem. Até dançar, não me caía bem. Não notamos, mas criamos homens destinados a odiar a

mulher. Não para amar naturalmente a mulher. Destinados a trapacear, a fingir, a mentir, a trair, a fugir das verdades quando elas pedem uma mudança. O depois é o antes. Foram criados para se esconder, para se separar, para evitar os laços mais estreitos e a familiaridade dos costumes. Formados para não se envolver. Recebem advertência vitalícia e implícita de que não é possível se aproximar muito dos gostos e predileções femininas, de que é preciso manter distância, sob a pena de colocar em risco sua masculinidade.

O homem tem dificuldades de se relacionar mais do que dificuldades de relacionamento. Está sempre sendo julgado pela sua conduta. Ao alterar seu figurino e andar mais à vontade, já começa o zuniado de que trocou de sexo. Aceitam-se papéis misóginos sem perceber, aceita-se que há apenas dois banheiros e duas vidas diferentes para entrar e seguir.

As fronteiras começam antes do nascimento, na separação do enxoval azul do rosa. Desde quando o homem não é rosa e a mulher não é azul?

CHANTAGENS

A criança esperneia, xinga; o pai apenas a arrasta com delicadeza obstinada. O rosto paterno não observa os lados, não anuncia seu desespero, não se entrega aos curiosos. A criança desobedece. Freia os patins. Segura-se com afinco em todo obstáculo pela frente. Chuta as canelas. Solta tapas sem endereço. Grita absurdamente, abusivamente. Nem a coruja tem um pio tão anoitecido. Mas o pai ali, como se fosse normal, como se não fosse com ele, mantém a serenidade. Não se importa em ser assistido, tem a certeza que está correto. Mas sofre com o terremoto da boca, lamenta a acusação injusta de sua insensibilidade.

Não é um choro intuitivo, é um choro treinado, a manha de jogo e de poder. Não há pai ou mãe que não tenha suportado esse vexame em filas de mercado, restaurantes, lojas. Uma ironia, logo os pais que se repartem sem pensar, que se dividem generosamente e procuram oferecer uma filiação aberta e discutida. Logo eles que tiveram pais silenciosos e duros e decidiram não repetir o ciclo de lacunas.

O amor é uma vergonha. Na família, haverá de ser sempre uma vergonha porque envolve franqueza. O que traz honestidade significa enfrentamento. Quando adolescente sofria ao ser levado para festas de carro pelos pais. Pedia para que parassem duas quadras antes. Envergonho-me agora da minha própria vergonha, apressei em ser adulto e não ganhei nada com isso.

Na primeira contrariedade, ao não comprar um brinquedo ou um doce, o filho pula, provoca escândalo, humilha. A criança não aceita e berra. Não pede, manda.

Com temor do que os outros pensem dele, muitos pais acabam adquirindo o mimo, apesar da conta naufragar em vermelho. São derrotados pela aparência. São derrotados pelo susto da visibilidade. São derrotados

pela impaciência. E pai ou mãe é paciência encarnada. Não dizer as verdades a qualquer hora, dizer no momento em que o filho estiver ouvindo.

Observava com orgulho aquela frieza do pai diante do seu menino emburrado. A frieza era firmeza de princípio. Ele não aceitou negociar o afeto. Não se rebaixou à chantagem. Mostrava que não ter tudo é poder escolher.

Seguiu puxando a criança com calma, domando o infortúnio. Cuidava para não machucar, mas conduzia com convicção para longe do pedido frustrado.

O menino foi se acalmando, foi cansando, foi perdendo público até entender que seu pai não pode ser comprado.



CABELO NO PRATO

No momento em que se encontra um fio de cabelo no prato, o que fazer? Trocar de prato, tirar educadamente o fio ou fazer cara de nojo e perder a fome?

É uma encruzilhada. Um cabelo no prato faz emergir todas as repulsas. E se o fio é da sua própria cabeça? Terei nojo de mim? Como descobrir de quem é o cabelo? A sujeira envergonha. É óbvio que se pode culpar a cozinheira ou o garçom. Culpar o restaurante pela falta de cuidado. Fazer um escândalo como se a inocência castanha na comida fosse uma barata. Em um lugar chique, o cabelo é a fibra de uma verdura. Em um boteco, o cabelo é denúncia para o Código de Consumidor.

São nesses atos levemente inúteis que a personalidade é revelada, a mostrar desapego ou obsessão, desprendimento ou rigidez. A pessoa que recusa o fio é capaz de dóceis monstruosidades em segredo. O fio é retirado para que ninguém veja ou por que se odeia? Somos maníacos pela limpeza, pelos bons modos e valores, e esquecemos que estar vivo é ser vulnerável. Contagiar, beijar, abraçar, suar, tossir, chupar, coçar. Redoma de ferro só em serviço de quarto no hotel. Rasguei o mosquiteiro da infância, pois não suportava dormir com uma proteção. Dormir é se desproteger. Tinha a impressão de que a família estava me escondendo. É horrível sacrificar a noção espacial do quarto ou do corpo no quarto.

Cabelo no prato é a principal pergunta da vida, mais do que o suicídio, que pode começar ali. Abafar ou rir, mostrar ou disfarçar? O cabelo no prato é o desconforto em demonstrar a verdadeira emoção. Não demonstrar a emoção é uma emoção. Eu amava uma menina que não ria e cada vez mais me tornava um palhaço para provocar sua reação. Trabalhava para ela dia e noite, de graça. A convivência passou a ser um esforço ou um desespero. E

nada. Um dia, ela me disse enjoada: “por dentro, eu posso fazer o que quiser”. Apesar do rosto imóvel, ela reagia.

Isso me assustou, portanto seus reflexos aconteciam sem sinal na superfície. E muitos são assim: não choram, não levantam nenhuma contorção da boca. Pais que ralham com os filhos, criticam, apresentam uma impiedosa educação, transmitem uma imagem de intolerância e frieza. E de repente não são o que irradiam. Dificilmente partilham e se doam, mas são outros por dentro. Tolhidos por fora, sofrem de uma hemorragia interna na linguagem. Defendem que a seriedade é amor, não o contrário. E amam preocupados, autoritários, soberbos, para evitar que a fragilidade de suas memórias prejudique a concentração.

São concentrados em um papel, que decoraram dos seus pais ou de seus professores, de seus castigos e de seus traumas. Não admitem abrir a guarda, se divertir, transbordar. A intimidade dói. Acorda pavores ainda não assimilados, ainda não compreendidos, ainda não sarados.

A única forma que encontraram de falar da dor é não pensar nela.

UMA LETRA ENTRE AS PEGADAS

O benefício de ser pai é justamente assistir o que fazia na infância por outro ângulo.

Durante as manhãs de janeiro, montei castelos de areia com o meu filho e havia me esquecido de como dedicamos tempo a acertar a estrutura da composição, a mistura das paredes, o formato das colunas. Cada gesto é apuro: o cuidado com a distância do mar, o poço fundo para evitar a enxurrada, o peso das torres. Há uma ciência em moldar o barro, como se o rosto não pudesse se fixar sem os lábios. Eu explicava a decisão por um contorno e estendia o cotovelo da voz.

O que me incomodou foi minha ansiedade. Não a ansiedade de aprontar o forte, mas a ansiedade do dia seguinte para descobrir se estaria de pé. Se ele sobreviveria aos pontapés das crianças ciumentas, aos acessos de raiva do mar, aos contrabandos de margens do vento.

Custava a dormir pensando nisso, e me assustava como poderia me preocupar, agora adulto, com as emanções ingênuas da terra. Afinal, a insônia deve ser um cansaço da infância.

Assim que o sol trocava de casaco, já me postava de sunga pronto para ir à praia.

Qual era meu contentamento ao encontrar ainda um montinho cravejado de conchas. Mesmo que significasse somente um banco de areia, uma reentrância das dunas, em que me permitia localizar onde ele estava construído. Eu pulava de alegria, com a permanência de algum jeito do trabalho das mãos. O castelo estava disforme, reduzido, inofensivo (unicamente eu e meu filho poderíamos definir que aquilo fora um castelo).

Era um sinal de que nem tudo é apagado: a escrita é também leitura. As ruínas me davam satisfação para continuar. Começava a reinventar a fortaleza das sobras.

Toda vez que repetia a cena, reparei o quanto se desiste fácil da esperança. Amores são reduzidos a aventuras. Não se deixa mais nem um pontinho daquilo que foi levantado. Nem uma marca, sequer uma cicatriz.

Os relacionamentos não mais terminam, ficam em aberto. Casos se dissolvem, namorados ou namoradas somem e não assumem a separação. Não avisam, são demissionários do amor. Abandonam o serviço. Deixam o destino decidir para não se incomodar em explicar.

Independência nunca será virar o rosto, desimportar-se.

Sou contrário a desaparecimentos, insisto em fixar castelos quando é impossível conservá-los. Quero uma imagem derradeira e não caçar à toa na memória o que deve sobreviver.

Um amontoado de areia pode ser apenas um amontoado de areia. Ou uma letra entre as pegadas. A dúvida não substitui o amor.

CONSOANTE

Vicente, com 4 anos, falava errado o nome de sua irmã, Mariana, de 13. Dizia “Maliana”.

Uma manhã acordou ansioso:

— Preciso ligar para minha mana.

Perguntei o que tinha acontecido: — Aprendi a falar Mariana, MA-RI-A-NA. Ela tem que saber. Eu chamava a pessoa errada, agora vou chamar a certa.

Fabrício Carpinejar

Fabrício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS), onde mora com a mulher Katy e os filhos Vicente e Mariana. Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 26 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista das revistas *Isto É Gente* e *Pais & Filhos*, jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Ana Pez

Nasceu em 1987 em Madri (Espanha), onde vive. Estudou História e ilustração. Começou na profissão dando cursos de desenho e participando de diferentes tipos de projetos, como capas de discos, páginas web, material para teatro. Em 2013 passa a ilustrar para o mundo editorial, colaborando com editoras como a Edelvives (Espanha) e Nobrow (Inglaterra).

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298d

Carpinejar, Fabrício, 1972-Deixa a criança ser tímida / Fabrício
Carpinejar ; ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

(Pedaços de vida)

ISBN 978-85-5590-020-4

1. Crônica. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

14-11105

CDD-869.98

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.